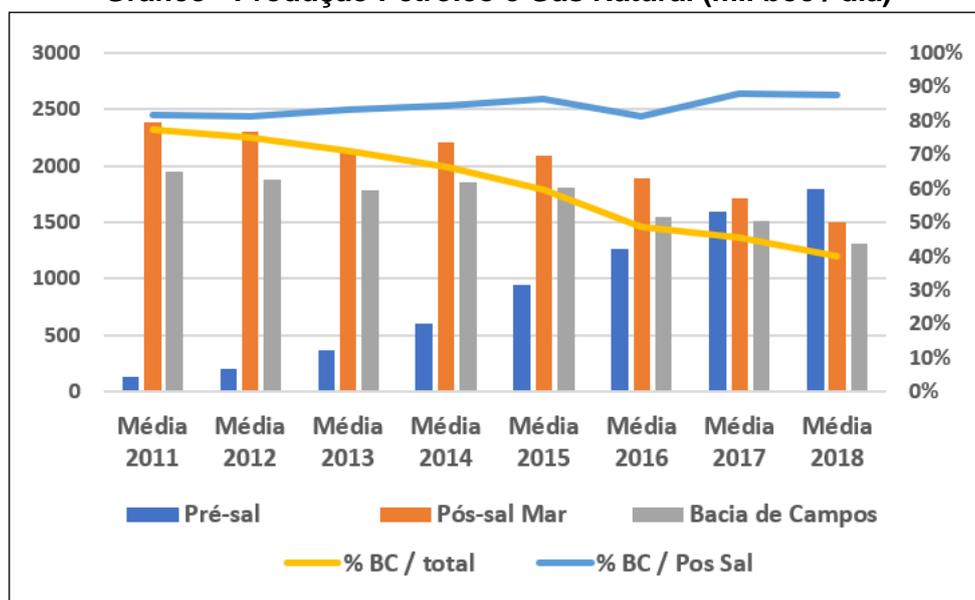


Análise técnica sobre a queda da produção e do emprego na Bacia de Campos

Iderley Colombini¹

As análises mais recentes sobre o tamanho das reservas e capacidade de produção de petróleo no Brasil conciliam dois extremos: enquanto o pré-sal tem um papel de incontestável destaque, o pós-sal e a Bacia de Campos são lembrados quase que exclusivamente por sua produção declinante. Essa visão esconde o grande potencial ainda existente na Bacia de Campos. Será que o objetivo seria naturalizar o seu declínio como se não fosse uma opção política de desmonte da Petrobrás no Brasil? As reservas provadas² de petróleo da Bacia de Campos em dezembro de 2018 são de 5 bilhões de barris de petróleo, que equivalem a 38% do total das reservas de petróleo no Brasil a serem exploradas naquele momento³. Como mostraremos abaixo, **a queda da produção e dos empregos na Bacia de Campos não se devem apenas a questões naturais ou específicas dos campos, mas também e principalmente da decisão política de diminuição dos investimentos na Bacia.**

Gráfico - Produção Petróleo e Gás Natural (mil boe / dia)



Fonte: elaboração DIEESE com dados da ANP.

¹ Pesquisador DIEESE, graduado em Economia pela FEA-USP, com mestrado e doutorado em Economia no IE-UFRJ.

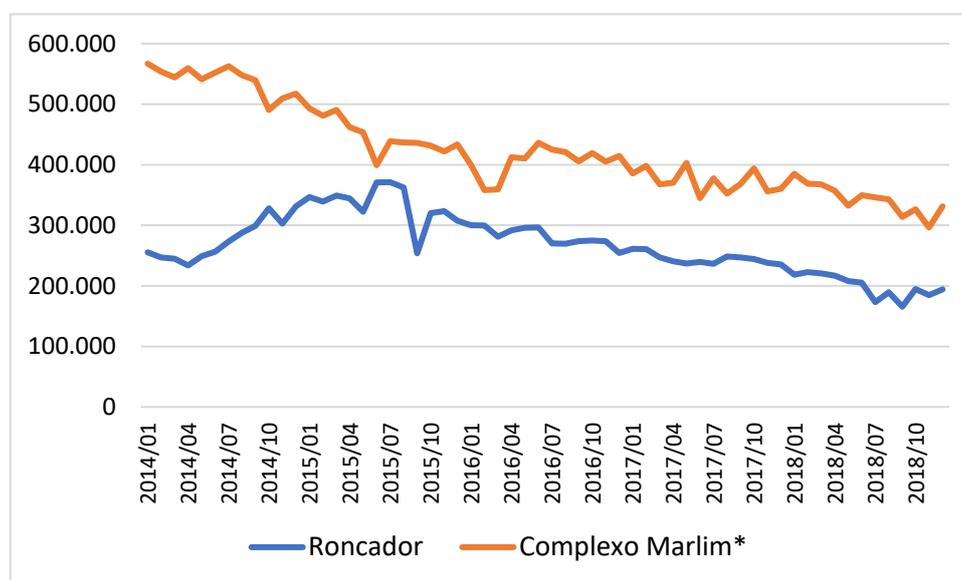
² Os dados sobre as reservas provadas são divulgados anualmente pela ANP no seu “Boletim de Recursos e Reservas de Petróleo e Gás Natural”, tendo como entendimento sobre reservas provadas a “quantidade de Petróleo ou Gás Natural que a análise de dados de geociências e engenharia indica com razoável certeza, como recuperáveis comercialmente, na data de referência do BAR, de Reservatórios descobertos e com condições econômicas, métodos operacionais e regulamentação governamental definidos.”

³ Apenas para critério de comparação, as reservas provadas de petróleo da Bacia de Santos (detentora de grande parte dos campos do pré-sal) em dezembro de 2018 são de 7,6 bilhões de barris, segundo dados da ANP.

O gráfico acima mostra uma **queda acentuada na produção de petróleo nos campos da Bacia de Campos, caindo de uma produção média de 1,8 milhões de boe/dia em 2015 para 1,3 milhões de boe/dia em 2018, redução de 28%.**

A queda da produção de petróleo e gás natural no pós-sal e na Bacia de Campos pode ser visto pela grande redução da produção dos maiores campos da Bacia. A produção média de Roncador passou de 275,75 mil bbl/dia de petróleo em 2014 para 199,5 mil bbl/dia em 2018. Em Marlim, Marlim Sul e Marlim Leste a produção conjunta de petróleo passou de uma média de 540,6 mil bbl/dia em 2014 para 343,2 mil bbl/dia. A queda de produção chama ainda mais atenção se ressaltarmos a produção de pré-sal crescente também existentes nesses campos, pois sem ela a queda seria ainda maior.

Gráfico - Histórico da produção de Petróleo dos Maiores Campos da BC (bbl / dia)



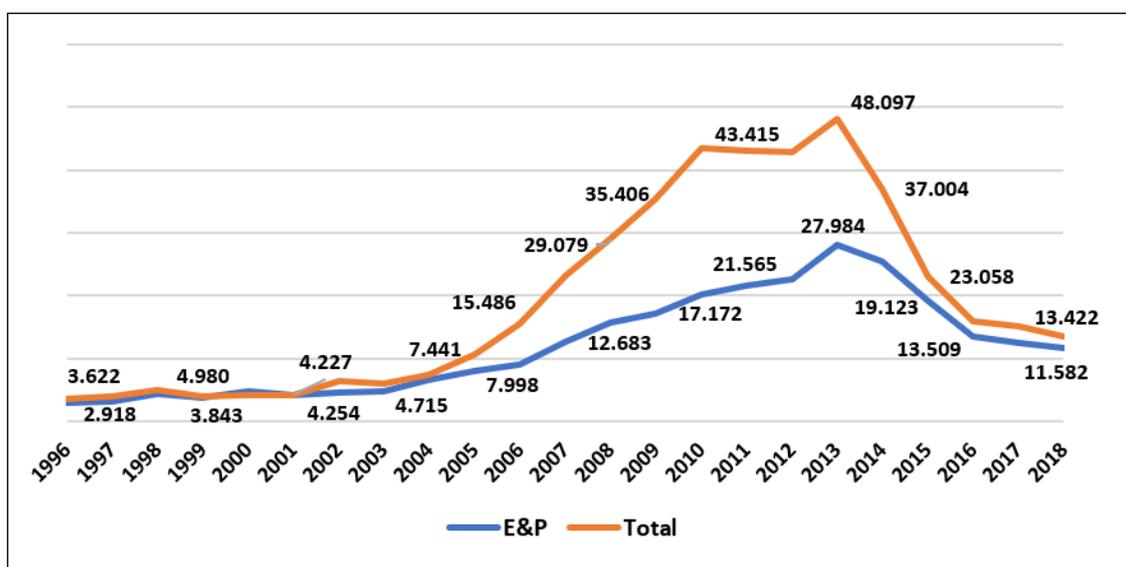
Fonte: elaboração DIEESE com base nos dados da ANP

* O Complexo Marlim é formado pelos campos de Marlim, Marlim Sul e Marlim Leste.

Assim, para entender este declínio da produção da Bacia de Campos, não se deve apenas creditar a fatores naturais, mas principalmente a falta de investimento das últimas gestões nos campos maduros de petróleo. Estes **campos são operados pela Petrobrás e sua média de investimentos em 2016 e 2017 foram 60% menores do que a média dos investimentos de 2010 a 2015.** Não é à toa que a produção destes campos cai a partir de 2016. Obviamente, por se tratar de campos considerados maduros, haveria uma diminuição ao longo dos anos da produção, além da suposta ‘concorrência’ de recursos com a exploração do pré-sal na Bacia de Santos. Contudo a velocidade e o tamanho da queda só podem ser explicados com um posicionamento político/estratégico de desmonte da Petrobrás na Bacia de Campos.

Como mostramos acima, a Bacia de Campos possui uma importante produção e grandes reservas a explorar, tendo-se ainda grande capacidade produtiva nessas áreas, mas precisa ter como condicionante a manutenção dos investimentos. Por serem campos maduros há uma necessidade de investimentos chamados de secundários⁴, que viabilizam a produtividade e lucratividade dessas áreas. Mas, a mudança política da Petrobrás a partir dos desdobramentos da Lava Jato em 2014, fortemente intensificados com a guinada política a partir de 2016, alterou completamente o desenvolvimento dos campos maduros no país. A partir de 2016 se inicia uma forte diminuição dos investimentos e de redução do efetivo, com a finalidade de viabilizar a venda dos campos e plataformas, sem nenhum compromisso com o desenvolvimento do país e os graves impactos regionais.

Gráfico - Investimento Total e Investimento em E&P da Petrobrás (US\$ milhões)



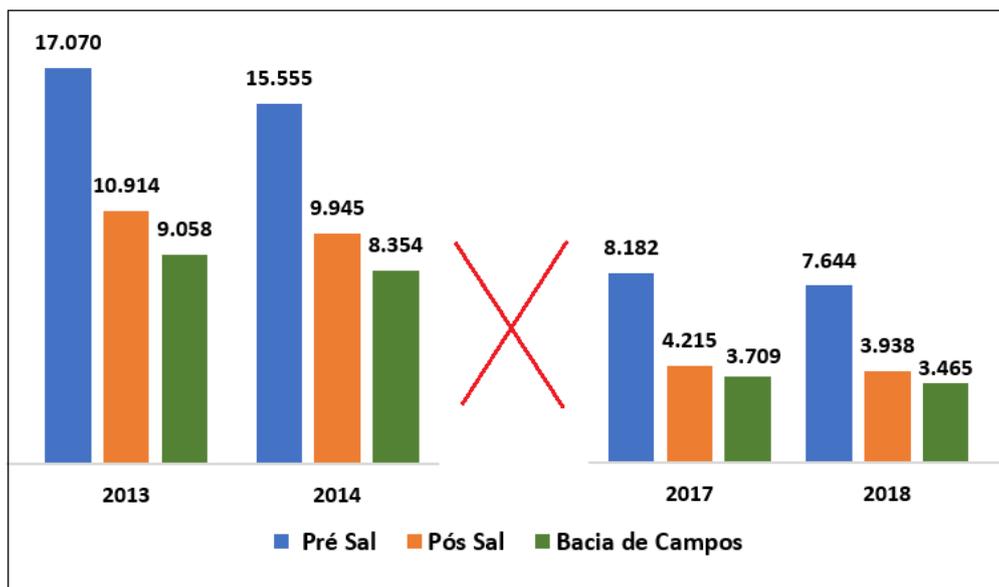
Fonte: elaboração DIEESE com base no Relatório Anual 2018 da Petrobrás

Observando-se a trajetória recente dos investimentos da Petrobrás, é possível perceber que não apenas seu total diminuiu, como houve uma forte concentração no pré-sal e abandono das outras áreas da empresa, como pós-sal, distribuição e refino. **Segundo as estimativas do DIEESE⁵, os investimentos da Petrobrás de 2013 a 2018 reduziram 55% no Pré-Sal, 62% na Bacia de Campos e 64% na área do Pós-Sal total do Brasil.**

⁴ Os campos maduros necessitam a manutenção de investimentos secundários, utilizados historicamente na Bacia e em diversas regiões do mundo, como no golfo do México e no mar do norte na Noruega. Exemplos desses investimentos são: sísmica 4D para identificar bolsões de óleo desviados, perfuração de enchimento, otimização de inundação de água e aumento da capacidade de movimentação de água em plataformas.

⁵ A Petrobrás não divulga os investimentos realizados nos diferentes setores e por Bacias, apenas o investimento total do E&P e Planos de Gestão com diretrizes dos investimentos, de acordo com esses dados e o tamanho de cada setor foram construídas as estimativas.

Gráfico - Estimativas do Investimento em E&P da Petrobrás por área (US\$ milhões) *



Fonte: elaboração própria com base no Relatório Anual 2018 e no Plano de Negócios 2019 da Petrobras
* Estimativas foram calculadas através do cruzamento entre os dados divulgados nos Relatórios Anuais da Petrobrás e nos Planos de Negócio, com a finalidade de obter dados de investimentos setorializados.

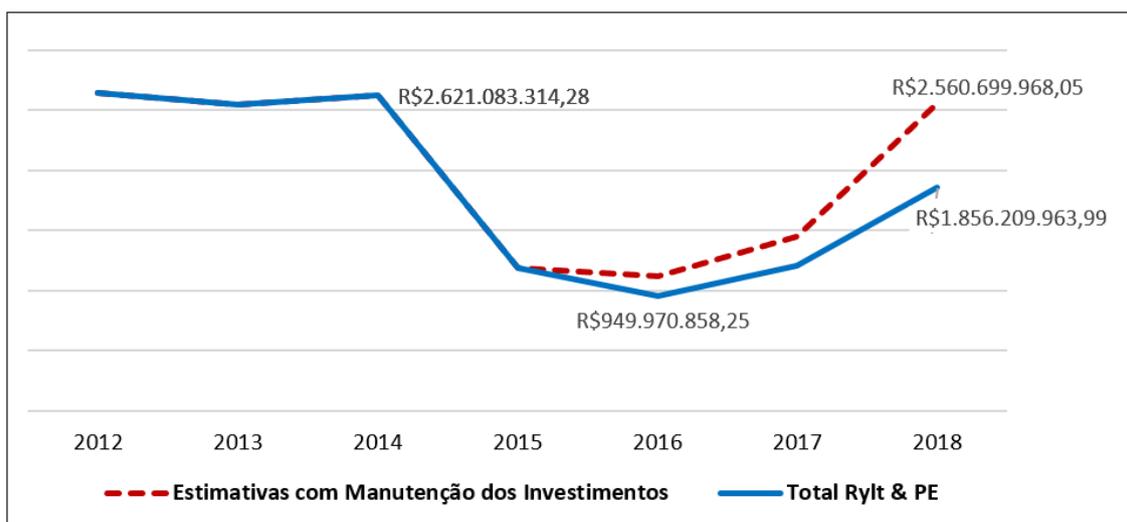
O tamanho da redução dos investimentos da Petrobrás e a magnitude de seu impacto podem ser imediatamente percebidos pela redução do número de trabalhadores e de royalties na região. Os royalties e participações especiais na região do Norte Fluminense tiveram uma queda brusca a partir de 2015, a qual deve ser explicada por dois fatores: (i) a queda dos preços internacionais de petróleo; e (ii) a queda da produção da Bacia de Campos. Se os preços internacionais e o câmbio não podem ser controlados, a produção poderia ter sido pelo menos mantida com a manutenção dos investimentos na região.

Segundo estimativas⁶ do DIEESE, a perda de royalties na região do Norte Fluminense⁷ poderia ter sido amenizada de 2016 a 2018 em R\$ 1,1 bilhões com a manutenção dos investimentos da Petrobrás. Ainda segundo estimativas calculadas pelo DIEESE, os maiores municípios beneficiados, Campos dos Goytacazes e Macaé, tiveram de 2016 a 2018 perdas de royalties e participações especiais com a queda dos investimentos da Petrobrás de R\$ 428 milhões e R\$ 364 milhões, respectivamente.

⁶ Estimativas foram realizadas considerando apenas os efeitos de variação do câmbio e do preço internacional do barril no período, ou seja, como se a produção tivesse mantido o patamar estável que se encontrava desde 2012.

⁷ As cidades consideradas na região do Norte Fluminense foram: Campos dos Goytacazes, Cardoso Moreira, São Fidélis, São Francisco de Itabapoara, São João da Barra, Carapebus, Conceição de Macabu, Macaé, Quissamã e Rio das Ostras.

Gráfico - Royalties e Participação Especial no Norte Fluminense* (R\$) – 2012 a 2018**



Fonte: elaboração própria com base no Relatório Anual 2018 e no Plano de Negócios 2019 da Petrobras

* As cidades consideradas na região do Norte Fluminense foram: Campos dos Goytacazes, Cardoso Moreira, São Fidélis, São Francisco de Itabapoara, São João da Barra, Carapebus, Conceição de Macabu, Macaé, Quissamã e Rio das Ostras.

** A Estimativa dos Royalties e Participação Especial com a manutenção dos Investimentos da Petrobrás foi realizada considerando uma estabilidade na produção similar ao período de 2011 a 2015, ou seja, considerando apenas os efeitos de variação do câmbio real/dólar e do preço do barril de petróleo internacional.

Diante dos dados aqui reunidos, é possível constatar que a queda de investimentos da Petrobrás na Bacia de Campos mostrou-se extremamente danosa para a produção e para a arrecadação de royalties. Entretanto, esse processo teve consequências ainda mais dramáticas para a economia e para a geração de empregos no NF.

A Petrobrás no Brasil todo passou de 86.108 trabalhadores em 2013 para 63.361 trabalhadores em 2018. Para os trabalhadores terceirizados da empresa o impacto foi ainda maior, passando de 360.180 em 2013 para 116.065 em 2018. Segundo estimativas realizadas pelo DIEESE, a redução de trabalhadores próprios da Petrobrás e terceirizados foi proporcionalmente ainda maior na Região do Norte Fluminense. **De 2014 a 2018 a redução dos trabalhadores da Petrobrás no Norte Fluminense foi de 3.526 próprios e de 29.743 terceirizados, representando uma redução média de 55% do efetivo.**

O impacto dessa redução dos investimentos e do número de trabalhadores do setor petróleo foi catastrófico para o Estado do Rio de Janeiro e principalmente para região do Norte Fluminense. O desemprego no estado, segundo a PNAD do IBGE, passou de 6,7% em janeiro de 2014 para 15% em dezembro de 2018, tornando sua situação uma das piores do país. Em termos regionais, o Rio de Janeiro apresenta maior índice de desemprego do sudeste. Para efeito de comparação, no mesmo período São Paulo e Espírito Santo registraram 12,4% e 10,2% de desemprego, respectivamente.

Na cidade de Macaé a situação de emprego consegue ser ainda mais delicada. Apesar de não existirem na PNAD dados de desemprego para todos os municípios do interior, é possível visualizar a gravidade da situação macaense através dos dados do CAGED, que mensura o saldo de empregos

formais (admissões menos demissões). De janeiro de 2014 até dezembro de 2018 o município de Macaé fechou 33 mil postos de trabalho formais. A dimensão da gravidade da questão é revelada se compararmos o município ao o próprio Estado do Rio de Janeiro: **com 240 mil habitantes, Macaé representa apenas 1,4% da população do Estado. Contudo, o saldo negativo de trabalhadores formais de Macaé de 2014 a 2018 representou 7% do saldo negativo do Estado do Rio de Janeiro.**

As causas da crise que assolou a região do Norte Fluminense, com queda da produção e de empregos de toda a cadeia de óleo e gás, não devem ser vistas de forma simplista, como resultado “natural” dos campos maduros e da queda dos preços do petróleo. Como pôde ser constatado através dos dados aqui reunidos, esse processo sofreu grande influência de uma mudança política no setor de óleo e gás no Brasil, mudança essa cristalizada na decisão de se abdicar da exploração da Bacia de Campos e de um projeto do setor petróleo em conjunto com o desenvolvimento nacional e regional.

O descaso com a soberania nacional, com a importância da Petrobras e da sua produção de petróleo que se iniciou com a operação Lava Jato em 2014, foi introjetado na da empresa com a gestão Pedro Parente em 2016 e intensificado com Castelo Branco em 2019. Depois de desvalorizar os ativos da empresa, com redução dos investimentos e dos trabalhadores, a política atual consiste em vendê-los. A privatização das refinarias e dos campos maduros da Petrobrás representam passos largos numa trilha que leva o país a uma grave crise social e econômica, com rebatimentos ainda mais severos sobre a região norte fluminense. Por outro lado, haverá resistência da sociedade, dos trabalhadores e suas representações sindicais, para que a Bacia de Campos possa continuar sendo uma das principais fontes de renda do país e da região, gerando mais e melhores empregos.